

# **Cultura, mídia, consumo e educação**

## ***Culture, media, expenditure and education***

Marina Vinha

Doutora em Educação Física pela UNICAMP/SP. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Faculdade de Educação. E-mail: marinavinha@ufgd.edu.br

COSTA, Marisa Vorraber (Org). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2009.

A obra *A educação na cultura da mídia e do consumo*, organizada por Marisa Vorraber Costa, traz outros 33 autores fazendo um convite para refletirmos sobre o mundo contemporâneo, por considerarem a educação um “processo amplo, aberto e plurifacetado”. Para tanto, o livro indica pistas que podem ser seguidas com o objetivo de “multiplicar olhares e interpretações”, sem, contudo, querer explicar este mundo midiático de consumo, mas sim nos provocar, de forma a mantermos uma reflexão positiva com nosso tempo.

A estrutura narrativa do livro parte das afirmativas correntemente aceitas de que nossas vidas contemporâneas tornaram-se complexas e fragmentárias. Como se vive em um mundo como esse? Como se educa e como nos educamos diante das possibilidades instáveis, provisórias e mutantes? O que acontece com a educação quando não se consegue vislumbrar com clareza uma direção? Os textos seguem esse percurso, comparti-

lhando o que dois campos de produção do pensamento contemporâneo têm denominado “perspectiva pós-estruturalista”, trazendo, portanto, certo tipo de subversão dos modos convencionais de pensar os fenômenos da ordem da cultura. O olhar pelo avesso mostra como nossas subjetividades são construídas, como nos tornamos o que somos, e como a educação contemporânea se compromete, esclarece e atua diante destes desafios.

Alicerçando essa ideia, a máxima que atravessa os 60 textos é de que “qualquer agressividade, incompreensão ou intransigência em relação ao presente não ajuda em nada; pelo contrário, agudiza nossas inseguranças e incertezas”. A organizadora recorre a Bauman (2008, p. 160) ao expor o eixo teórico dos textos: “[...] Esses nossos tempos se sobressaem por dismantelar marcos e liquefazer padrões sem aviso prévio”. Nosso tempo está marcado pela midiatização da cultura e por uma colonização da vida pelo consumo, elementos que requerem ser perscrutados

por todos nós, reafirma Costa na introdução da obra.

Os autores deixaram de lado as formalidades dos textos acadêmicos, utilizando frases curtas com exemplos práticos que povoam o cotidiano da totalidade dos leitores. Publicados originalmente no Jornal Mensal "A Página da Educação"<sup>1</sup> no estilo de crônicas, escritos entre 2003 a 2008 sob a rubrica "Cultura e Pedagogia" e editados em Portugal. A obra, distribuída em 220 páginas, subdivide-se em seis partes: *Sobre Educação e Cultura de Consumo*; *Sobre Escola e Cultura Contemporânea*; *Sobre Política Cultural da Identidade*; *Sobre Pedagogias Culturais*; *Sobre Viver e Aprender nas Cidades*; e *Sobre Infâncias e Juventudes Contemporâneas*.

As referências bibliográficas, situadas após cada um dos seis blocos de textos, situam-se no campo dos estudos culturais dialogando com Bauman, Cline, Bhabha, Foucault, Costa, Sennet, Nóvoa, Giroux, Larrosa, dentre outros. Devido ao quantitativo de artigos (60), foram selecionados quatro textos para a presente resenha.

## **Consumir o "outro" como prática de cidadania**

Da primeira parte do livro selecionei "Consumir o "outro" como prática de cidadania", escrito por Marisa Vorraber Costa (p.30), por tratar de uma das faces da política contemporânea de cidadania, o multiculturalismo. A absorção das práticas de celebração das diferenças foi absorvida pelo capitalismo em novas estratégias de consumo. Na era da supremacia do mercado e da mídia, negros, gays, idosos, indígenas são alvo de uma política de representação que visa reabilitá-los no cenário cultural como cidadãos e consumidores. Dessa forma, o "outro" é vendido nas festas. São as *Barbies* africanas, os pôsteres com fotos de crianças indigentes; os porta-retratos com mulheres maltratadas, mas com alguma beleza e dignidade expressas nas faces. Em cada uma destas campanhas, de certo modo, também se consome o "outro". As mercadorias, assim, se travestem de uma áurea de ato político.

A aproximação *capitalismo/ consumismo/multiculturalismo* não está em reconhecer o "outro" na condição de marginalizado e visando a conquista da igualdade a que tem direito. Subjacente a esta estratégia mercadológica, há uma política de representação assentada sobre o pressuposto de que a lógica do sistema é correta e boa. Pouco se pergunta por que esses segmentos precisam ser ajudados, e quais táticas seriam as melhores para intervir em seus interesses. Se os poucos questionamentos existentes forem corajosamente discutidos e formulados, assegura

---

<sup>1</sup> Disponível em [www.apagina.pt](http://www.apagina.pt) Os artigos foram subsidiados por publicações vindas de programas de pós-graduação, teses e dissertações realizadas ou orientadas pelos autores.

a autora, contribuirão para perceber o capitalismo implicado em uma forma cruel de cidadania, na qual consumir o “outro” se torna ação de reconhecimento da igualdade e, simultaneamente, produção desses mesmos “outros”.

### **O celular da discórdia e os desafios da escola atual**

Da segunda parte do livro selecionei o artigo de Cristianne Maria Famer Rocha, “O celular da discórdia e os desafios da escola atual” (p. 87), por destacar os atuais conflitos com celulares. O fato ocorrido em Portugal, por exemplo, quando uma professora lutou com sua aluna para tirar dela um telefone celular, fora gravado por outro aluno em seu celular e postado no site *You Tube*<sup>2</sup>. A cena teve repercussões inusitadas naquele país e permitiram reportagens tratando das dificuldades para controlar alunos indisciplinados nas escolas. A aluna e o aluno foram expulsos e o colégio declarou “tolerância zero” aos celulares.

O fato não nos causa estranheza no Brasil, pois estamos acostumados a conviver com violência e desvalorizações de toda ordem. As novas tecnologias nos levam a perguntar: Como estamos lidando com os atuais desafios, próprios da introdução das novas tecnologias nas escolas e na vida? O uso dos celulares nas escolas é um desses desafios! Mp3, mp4, computadores, lousa eletrônica, livros

digitais precisam ser reconhecidos em suas potências e utilizados de forma estratégica e útil à sociabilidade e na educação escolar. Não sendo assim, precisamos analisar até quando os alunos serão dóceis para permanecerem quatro horas sentadas tendo como estímulo visual e sonoro nossa imagem e voz de professor diante do quadro de giz. Esta realidade sobreviverá diante de um toque em uma tela, que os permite migrar para mundos variáveis e difusos? Até quando? Como sermos mais flexíveis permitindo aos alunos serem sujeitos deste tempo?

Assim, o “celular da discórdia” pode nos dar indícios sobre aquilo que estamos fazendo de nós mesmos (professores e alunos) na escola e na sociedade atual. Se a escola precisa se adequar e se atualizar para se tornar atrativa é imprescindível reconhecermos alguns dos mecanismos de assujeitamento que nos assolam cotidianamente. Esse contexto dá indícios sobre o quanto tais práticas estão associadas às outras práticas pedagógicas, que nos induzem a consumir sem questionamentos, deixando que a ordem do mercado seja a única possível.

### **Velhos: humor e escárnio em comunidades do Orkut**

Na terceira parte do livro selecionei “Velhos: humor e escárnio em comunidades do Orkut” (p. 124), escrito por Maria de Fátima Morais Brandão e Rosa Maria Hessel Silveira. A velhice pode ser compreendida como a idade do corpo, uma fase que pretendemos chegar, explicam as au-

<sup>2</sup> Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=Z2UKBSVol\\_c](http://www.youtube.com/watch?v=Z2UKBSVol_c)>.

toras. Outros, no entanto, narram os velhos como objetos do riso. Simultaneamente, vislumbramos outras formas de denominar a velhice: “terceira idade”, “melhor idade”, de forma que os velhos se tornaram também um elemento do mercado midiático a ser conquistado e adulado. Perguntam as autoras: No nosso cotidiano, encontramos essa consideração pelos idosos que a publicidade estampa?

Vejamos no Orkut, uma das redes sociais virtuais, onde as pessoas fundam diferentes comunidades e dentre elas há as que fazem das velhas e dos velhos objetos de riso e repulsa. Uma delas - “Odeio velhos e velhas” - traz o seguinte texto de apresentação: “para akeles ki odeiam velhos chatos ki só resmungam da vida e cuidam da nossa. Taka pedra neles. Ahahahahah (sic)”. O texto incita a um apedrejamento (metafórico?) amenizado pelo riso. Este riso é aquele que caçoa dos velhos ou zomba de nós se estamos nessa “idade do corpo”? Na rede poderosa do Orkut, os idosos são mostrados como o “outro” estranho, diferente, e com o qual os jovens não se identificam e não têm empatia. Assim, nos perguntam as autoras: Estas questões são inevitáveis da “idade do corpo” ou são questões de cultura?

## **A matemática nos cartuns**

Da quarta parte do livro [sobre pedagogias culturais] destaquei o trabalho de Márcia Castiglio da Silveira com o texto “A Matemática nos Cartuns” (p. 158). Os múltiplos sentidos historicamente construídos na cultura caracterizam a Matemática

como um conhecimento complexo *a priori* e, portanto, os sujeitos bem sucedidos nesse campo são considerados “gênios talentosos”. Não obstante, pesquisas mostram, de acordo com a descrição de professores e professoras, ser o desempenho dos alunos e alunas construído na cultura e diferenciado pela lógica machista. As meninas “boas na matemática” são assim porque estudam muito e obedecem as regras. O sucesso dos meninos invoca características potenciais e brilhantismo típicos do caráter masculino. Segundo a autora, é comum atribuímos os conhecimentos matemáticos para poucos iluminados. Posto como verdade, a afirmativa continua a ser produzida e circula cotidianamente em cartuns, nas histórias em quadrinhos, nas charges e publicações do gênero.

Inspirada pelo campo dos estudos culturais, Silveira mostrou que os cartuns, enquanto textos culturais ensinam conteúdos e muitas outras coisas. Dos 160 cartuns analisados, apresentando conteúdos de matemática escolar, a autora definiu, para fins de análise, três focos: (i) a *metanarrativa da onisciência* (confere significado ao conhecimento matemático cujo caráter é diabólico, complexo, inacessível, transcendental e totalizante, impondo a crença de um mundo matematizado por leis divinas); (ii) o *gênero da matemática* (opõe as mulheres aos homens, estando estes no pólo privilegiado e aquelas no pólo deficitário, generificando a área da matemática como masculina); e (iii) o *terror das provas* (mostra os momentos de avaliação povoados por medo, pavor e sofrimento).

O território dos cartuns repete os discursos recorrentes, suspendem os significados cristalizados na cultura e riem dele, apontando outros significados, sem, contudo romper tal lógica, explicou a autora. Esse modo de compreender a matemática tem repercussão na educação, quando insistem em nos ensinar que a matemática é um campo “difícil”, responsável pelo fracasso dos estudantes. Todo esse contexto pode impedir que professores e professoras façam uso desses textos culturais em sala de aula; daí a importância de conhecermos as relações de poder que os envolvem e a contingência dos significados produzidos na cultura. Por isso, destaca a autora, devemos manter as representações “sob permanente desconfiança e vigilância, mostrando que aquilo que adquire estatuto de verdade é produto do poder, não resultado de uma suposta operação asséptica e neutra da realidade dita universal, natural e transcendental”. Certos ditos estão sendo naturalizados, transformando cultura em natureza.

### **Internet, blogs e juventudes**

Na sexta parte, Rosa Maria Hessel Silveira e Tatiana Brocardo de Castro escreveram “Internet, Blogs e Juventudes” (p. 216) refletindo sobre a linguagem “internetês”, gênero textual dos *Blogs*, diário virtual que veio para modificar nossas vidas produzindo novos dialetos e formas de sociabilidade. Os *blogs* são diários de atualização frequente, escritos para serem lidos, enveredam pelas áreas políticas, podem ser usados na pedagogia do ensino

à distância (EAD) e podem trazer comentários interessantes.

Entre os *blogueiros* e *blogueiras* estão os jovens. Talvez, argumentam as autoras, numa reação de enfado às solicitações de produção de textos propostas pela escola, esses jovens digitam e “postam” com regularidade seus escritos nos *blogs*. E mais: os incrementam com cores, inserem músicas, fazem diagramação criando uma atmosfera animada para as telas. A identidade desse mais novo recurso tecnológico é de que *blog* desatualizado é *blog* esquecido, portanto os escritos são continuamente postados. Mesmo comparados aos antigos diários íntimos, cultivados secretamente pelas jovens, eles se diferenciam porque no *ciberespaço* as barreiras entre o privado e o público se apagam. Não obstante, os contornos culturais de nossas experiências, inclusive as que acontecem no *ciberespaço* são complexas, pois embora os jovens narrem em “internetês” suas oscilações sentimentais e suas angústias, usam subentendidos e ‘não ditos’ que, de certa forma, preservam suas intimidades.

Para concluir a presente resenha, considero que o livro nos surpreende e nos une ao mesmo tempo. Se Marisa Voraber Costa nos convidou para perscrutar o mundo contemporâneo sem agressividade e incompreensões, entendo que aos leitores, cujos estudos sobre os autores de referência são mais densos, as 60 crônicas consistem em um material tanto para uso pedagógico quanto para deleite pessoal, pois capturam proposições teóricas de rara complexidade, mas de forma leve, tornando a leitura prazerosa sem perder a profun-

didade teórica. Aos leitores iniciantes na compreensão desse tempo pós-moderno, os temas instigam à leitura e são curiosos, principalmente por manterem abordagens

teóricas consistentes e nos remeter aos densos textos lidos nos cursos de mestrado e doutorado, os quais muitas vezes são difíceis de serem metabolizados.

Recebido em maio de 2011.

Aprovado para publicação em junho de 2011.